

**Introdução ao dossiê – Sociologia  
Econômica e das Finanças:  
Perspectivas contemporâneas  
sobre a economia, as finanças e  
seus atores**

**Para uma conexão necessária entre a  
Sociologia da Valoração e da Avaliação  
com a Sociologia Econômica e das  
Finanças**

**Marina de Souza Sartore<sup>1</sup>  
Elaine da Silveira Leite<sup>2</sup>**

**1. Apresentação**

A sociologia econômica e das finanças tem ecoado de maneira significativa no cenário acadêmico brasileiro: ao menos desde o ano de 2006 até os dias de hoje, esta vertente analítica já esteve presente na forma de Grupos de Trabalho e Mesas-Redondas nos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), nos encontros bianuais da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e em diversos encontros em âmbito regional, como também, tem sido o enfoque de inúmeros dossiês, coletâneas e livros no Brasil. No âmbito internacional, a sociologia econômica e das finanças também produz um espaço de debates entre

pesquisadores de diversos países interessados na temática<sup>3</sup>.

Como resultado dessa efervescência acadêmica, tem-se buscado uma maior integração e aproximação entre os pesquisadores brasileiros em sociologia econômica e das finanças, e, como consequência, em setembro de 2011, uma rede de pesquisadores em sociologia econômica no Brasil<sup>4</sup> foi criada, decorrente da iniciativa de integrantes do grupo de trabalho em sociologia econômica do encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). A rede conta com a participação de mais de 60 pesquisadores brasileiros atuantes na área de sociologia econômica e das finanças, e busca também ser um veículo para a divulgação de notícias aos estudiosos interessados na temática.

Aqui vale ressaltar que o esforço em tentar reunir tais pesquisadores vem se mostrando de grande relevância para a dinâmica de consolidação da sociologia econômica no Brasil. Como organizadoras desse dossiê, foi a partir dessa rede, que fizemos a chamada de trabalhos para a composição dessa coletânea, e assim, recebemos inúmeros artigos tanto de pesquisadores nacionais como internacionais. Ademais, alguns integrantes desta rede foram convidados a atuar como pareceristas deste dossiê e, enquanto organizadoras, agradecemos a todos que aceitaram o desafio de julgar os trabalhos recebidos e conseqüentemente, participar da constituição desta produção acadêmica feita a muitas mãos<sup>5</sup>, situadas em diferentes

---

<sup>1</sup> Marina é docente na Universidade Federal de Goiás e organizadora deste dossiê.

<sup>2</sup> Elaine é docente na Universidade Federal de Pelotas, organizadora deste dossiê e editora da revista NORUS.

<sup>3</sup> Para citar apenas dois exemplos mais recentes, temos o grupo de trabalho em sociologia econômica do encontro da *International Sociological Association* (ISA) que ocorreu em Buenos Aires em 2012. Ver também o grupo de trabalho constituído para o encontro da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS) que ocorrerá em outubro do presente ano.

<sup>4</sup> Para ter acesso ao blog constituído para a troca de experiências e informações entre os membros da rede, acesse o endereço:

[www.sociologiaeconomicanobrasil.wordpress.com](http://www.sociologiaeconomicanobrasil.wordpress.com)

<sup>5</sup> Agradecemos em especial: Alessandra Cenerino, Antônio J. Pedroso Neto, Camila Fernandes Pinto, Charles Kirschbaum, Carlos Eduardo Freitas, Cristiano Fonseca Monteiro, Daniel Gustavo Mocelin, Eduardo Vicente Gonçalves, Ezequiel Redin, Gláucia Perez da Silva, Gustavo Melo Silva, Karina Gomes de Assis, Kellen Christina Leite, Lorena Rodrigues Abrantes, Lucas Rodrigues Azambuja, Maria Soledad Etcheverry Orchard,

regiões do país, fato que comprova a expansão da sociologia econômica e das finanças para diferentes regiões brasileiras já constatada por Júnior (2011).

Graças à colaboração dos participantes da rede de sociologia econômica no Brasil, foi possível reunir trabalhos de jovens pesquisadores que transitam nas fases iniciais da vida acadêmica (i.e, mestrado e doutorado), recém-doutores e professores já consagrados em sua trajetória profissional, fato que reflete uma dinâmica de reprodução do campo da sociologia econômica e das finanças. Esta dinâmica é incorporada pela linha editorial da recém-lançada revista *Novos Rumos Sociológicos* (NORUS) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, que gentilmente aprovou o projeto e deu-nos a honra de organizarmos um dossiê de sociologia econômica e das finanças como sua primeira edição.

Este dossiê cumpre a tarefa de apresentar recortes temáticos e analíticos que vem despertando a atenção de pesquisadores e que suscitam indagações sobre as perspectivas contemporâneas em economia, finanças e seus atores. No transcorrer da leitura desta introdução, apontamos ao leitor o papel instigante e intrigante de cada artigo, os quais nos servem como um trampolim para que possamos dar saltos analíticos cada vez mais altos. No entanto, ao invés de nos atermos às contribuições intrínsecas de cada artigo e mesmo realizarmos o exercício de procurar conectá-los entre si, usamos esta introdução para levantar as possíveis pistas analíticas que permitem um diálogo direto entre os diversos artigos que compõem este dossiê com a ideia de *Sociologia da Valoração e Avaliação*, explicitada por Michèle Lamont. O artigo que inicia este

dossiê funciona, portanto, como uma espinha dorsal através da qual elucidamos a relevância de uma conexão maior entre a sociologia da valoração e avaliação com a sociologia econômica e das finanças não apenas em âmbito internacional como também em âmbito nacional. Apesar desta conexão não ser o foco dos artigos apresentados, extraímos de cada um deles a sua potencial contribuição para uma reflexão sobre a relação entre a economia e as finanças e as práticas de valoração e avaliação. Reconhecemos que os trabalhos apresentados possuem abordagens analíticas e temáticas distintas, mas o nosso ponto é o de demonstrar que, apesar destas distinções, o desvendamento do espaço econômico e das finanças precisa aliar-se ao debate das formas de valoração e avaliação<sup>6</sup> para que possamos compreender a nossa sociedade contemporânea. Destarte, acreditamos que o resultado deste encontro acadêmico, temporal e também geográfico possa contribuir para a evolução da sociologia econômica e das finanças no país.

## **2. Perspectivas contemporâneas: economia, finanças e seus atores e a sua relação com a sociologia da valoração e avaliação**

Para abrir o presente dossiê, optamos por realizar a tradução e apresentar aos pesquisadores brasileiros, o instigante artigo de Michèle Lamont – [Em direção a uma sociologia comparativa da valoração e da avaliação] que desperta a interrogação imediata sobre a relação entre a sociologia da valoração e da avaliação e a sociologia econômica e das finanças. Pela reunião de um número expressivo de referenciais teóricos, Lamont busca construir a base

---

Martin Mundo Neto, Mauricio Reinert, Mauro Roese, Odil Matheus Fontella, Patrícia Sonia Silveira Rivero, Paulo André Niederle, Thulio Cícero Guimarães Pereira.

<sup>6</sup> Ressaltamos que, ao nos referirmos aos estudos sobre valoração e avaliação, estamos considerando as diversas abordagens analíticas existentes as quais foram explicitadas por Lamont em seu artigo.

para a constituição de uma teoria geral e cumulativa que busque explicar os fenômenos de atribuição e constituição de valor, principalmente a partir das práticas de categorização e legitimação. A sociologia comparativa da valoração e da avaliação proposta pela socióloga de Harvard, além de oferecer um estimulante caminho sociológico, também consegue agregar diferentes vertentes atuais da sociologia econômica, como a sociologia da construção social dos mercados, a sociologia das finanças e das instituições financeiras (agências de ratings, bancos, consultores, intermediários financeiros), a sociologia do crédito e do dinheiro (microcrédito, políticas de financiamento, contabilidade), a sociologia fiscal, e os estudos sociais das ciência e da tecnologia<sup>7</sup>.

Além da proximidade com inúmeras linhas de pesquisas, destacamos em especial, o debate sobre a constituição social do preço das mercadorias decorrente das dinâmicas de atribuição de valor que já foi debatido outrora por Simmel (1990) e continua presente até nos dias de hoje como em Zuckerman (1999). Mas não é apenas pela formação de preços que os mecanismos de valoração e avaliação se aproximam do mercado, mas também por todos os mecanismos de atribuição de valor ou de avaliação que permeiam os diferentes mercados. A reflexão sobre estes mecanismos perpassam todos os artigos deste dossiê, seja de maneira explícita, seja de maneira implícita.

Em seu estudo de caso das mulheres em Recife, [Microcrédito e empreendedorismo feminino em Recife: uma alternativa para a superação das desigualdades no mundo do trabalho], Géssika Cecília Carvalho confirma dados macrossociais que demonstram que a obtenção de microcrédito pelas mulheres impacta não somente em suas vidas

econômicas, mas em sua identidade cultural. O trabalho de Carvalho contribui para uma perspectiva contemporânea e relevante em finanças e seus atores no Brasil, focando na relação entre gênero e finanças a qual vem sendo, paulatinamente, cada vez mais explorada (por exemplo, ver LEITE, 2013, sobre as investidoras no mercado financeiro, e MALTBY e RUTTERFORD, 2012, sobre a agência da mulher nos espaços das finanças).

Ao confrontarmos este argumento central aos mecanismos de atribuição de valor e de avaliação presentes do texto de Lamont, depreendemos a crescente relação entre gênero e valoração (e também a avaliação) da figura feminina, impactando nas formas de obtenção de microcrédito pelas mulheres. Neste sentido, o artigo nos incita a refletir sobre possíveis novas formas de valoração e avaliação que podem estar constituindo novos mecanismos sociais que pautam a relação entre gênero e economia.

Ao investigarem as transformações na Lei de Incentivo à Cultura, Marcela Purini Belem e Júlio César Donadone [A lei Rouanet e a construção do “mercado de patrocínios culturais”] demonstram a transferência dos bens culturais para o mercado. A partir da análise da Lei de incentivo à Cultura, os autores exploram as contradições decorrentes da relação que se constitui entre o Estado e o mercado e demonstram que apesar de estarmos aparentemente diante de uma lógica de transformação da cultura em bens culturais em uma esfera privada, esta lógica só se sustenta com a ativa participação do Estado. O artigo também fornece pistas de novas maneiras para explorarmos a relação contemporânea entre Estado e Mercado que, embora seja uma discussão bastante tradicional, particularmente na economia política, somente mais recentemente tem

<sup>7</sup> Agradecemos a gentil permissão e confiança que Michèle Lamont depositou em nosso trabalho de tradução de seu artigo.

sido o foco de estudo dos sociólogos da economia (FLIGSTEIN, 2003; DAVIS, 2009).

Ao efetuarmos um pequeno exercício de digressão que nos remete ao texto de Lamont, identificamos o debate implícito decorrente da relação entre o mercado (representado principalmente pelas empresas) e o Estado, moldando a forma como são valorizados e avaliados os empreendimentos de cunho cultural no país. Em outras palavras, trata-se de refletir sobre a disputa entre a esfera pública e a privada pela legitimidade em poder atribuir valor (tanto financeiro quanto simbólico) particularmente na esfera dos bens culturais. O trabalho dos autores contribui para um debate muito mais amplo, sobre a atribuição de valor monetário (e simbólico) a bens de difícil “monetização” como a arte ou a cultura. (Para uma abordagem analítica mais ampla sobre a relação entre arte e mercado, ver Bourdieu (1998). Para temas mais recentes sobre a monetização do sagrado como a vida, por exemplo, ver Zelizer (2013)).

O trabalho coletivo de Davide Carbonai, Vinícius de Lara Ribas e Ronaldo Colvero [Um mercado de clãs: análise de redes sociais da finança italiana] apontam a relevância dos *interlocking directorates* para compreendermos o espaço financeiro italiano. Os atores utilizam a análise de redes para a comprovação de que este espaço é denso e influenciado por um grupo de atores sociais que ocupam múltiplas posições em organizações que lhe são relevantes. Em uma perspectiva contemporânea, este trabalho nos incita a pensar a partir de um objeto de estudo bastante atual: os conselhos os quais constituem bons pontos de partida para uma análise sociológica profícua como bem o demonstram Sartore (2012) e Lébaron (2008).

No que tange aos mecanismos de geração de valor e de avaliação apresentados por Lamont, os dados dos

atores apontam para a ideia de que são estes atores em comum, portanto, que definem os rumos das finanças italianas. São indivíduos que criam preferências pois circulam em diferentes espaços construindo consensos e julgamentos comuns sobre a atuação profissional e a ação econômica (nos moldes de um isomorfismo normativo, explicitado por DIMMAGIO e POWELL, 2001). Neste sentido, acabam servindo de mecanismo de construção de um consenso sobre formas de agir pautadas pela conformação de um sistema de valores compartilhados, os quais possibilitam a constituição de uma esfera de criação e reforço da legitimidade daqueles que participam em vários destes conselhos.

Já o artigo de Deyanira Almazán [We Have Never Been Rational: Contesting Economic Models from a Market Perspective] nos chama atenção para o amplo debate sobre os limites e possibilidades de diálogo entre a economia, e em especial a antropologia, com o intuito de questionar teoricamente a racionalidade dos mercados, ao ressaltar a importância de uma área em ascensão – a antropologia econômica. Partindo da apresentação de etnografias do mercado, principalmente, aquelas que focam o mercado financeiro dos EUA, busca discutir como os modelos de racionalidade de (cada) mercado são construções sociais de atores que passam a interpretar racionalmente o seu próprio mundo. De certo modo, nota-se que os atores que figuram (ELIAS, 1994) os mercados influenciam na definição de valores, cálculos e modelos que passam a constituir tipos de racionalidades distintas ou ainda, constituem um Bazar de Racionalidades (GODECHOT, 2000). Tal perspectiva dialoga com a proposta de Lamont, pois busca desvendar os dispositivos, instituições, ou estruturas sociais e culturais que sustentam e acionam os diversos tipos de racionalidades de mercados (por exemplo, como a própria LAMONT & THÉVENOT, 2000). A

desconstrução da racionalidade do sistema financeiro, seja por uma perspectiva mais sociológica ou antropológica é fundamental para investigarmos as bases da constituição de sistemas de valoração e avaliação dentro desta esfera.

O artigo do antropólogo Moisés Kopper [Tempos de Transição: A reconfiguração dos mercados de rua e a implementação de um shopping popular em Porto Alegre/RS] levanta uma reflexão contemporânea sobre as transformações pelas quais vem passando o comércio de rua nas grandes cidades brasileiras. Mas esta reflexão não se limita aos benefícios de ordem econômica e de infraestrutura como explícita, através do uso da etnografia, as estratégias cotidianas utilizadas pelos próprios atores para lidar com esta transformação. O trabalho de Kopper preenche uma lacuna analítica já explicitada por Neiburg (2007) o qual critica o fato de pensarmos sobre um fato econômico apenas pelas suas manifestações macroeconômicas e nos esquecemos de confrontá-las com as suas manifestações ordinárias e cotidianas.

É neste sentido que a etnografia de Kopper dialoga com o desafio de constituição de uma sociologia da valoração e da avaliação proposto por Lamont, na medida em que nos chama a atenção para considerarmos esta variável (a análise etnográfica) para pensarmos na constituição dos mecanismos de valoração e avaliação. O autor apresenta como as práticas cotidianas de apropriação do tempo e do espaço socialmente construídos pelos camelôs (no mercado de rua, informal) foram diretamente afetados pelo processo de transferência para o shopping popular de Porto Alegre, bem como, as tensões que passam a constituir as trajetórias dos indivíduos marcadas pelo papel de (“deixar de ser”) “camelô” e assumir os riscos de tornar-se “lojista”. Este trabalho traça contribuições para o campo dos estudos organizacionais ao esboçar como tais lógicas (econômicas e organizacionais) são (re)definidas e tornam-se sistemas

simbólicos que passam a atribuir significado às (novas) experiências de tempo e espaço; Por fim, esse trabalho também pode fornecer pistas para a discussão advinda da vertente francesa que foca em gramáticas ou ordens de *worth* usadas na constituição da comunidade (LAMONT, FLEMING, WELBURN, 2013), isto é, a substituição de uma ordem cívica pela ordem focada na avaliação de desempenho de mercado

Para finalizar o dossiê não poderíamos deixar de apresentar a resenha sobre o recém-lançado *The Oxford Handbook of the Sociology of Finance* organizado por Karin Knorr Cetina e Alex Preda. A resenha é de autoria de um dos grandes nomes da sociologia econômica e das finanças no Brasil – Roberto Grün, que nos instiga a refletir sobre o papel dos manuais acadêmicos e como a conformação que lhes é dada acaba moldando o pensamento que temos sobre determinada área do conhecimento. Apesar de reconhecer a importância acadêmica e institucional do *Handbook*, Grün o critica pela sua relativa homogeneidade e pela ausência de um debate mais direto entre distintas vertentes analíticas dentro dos estudos das ciências sociais sobre as finanças.

Por fim, esperamos que a leitura deste dossiê seja enriquecedora e permita ao leitor a não apenas conhecer a produção acadêmica da área, mas a focar o olhar para esta nova área de pesquisa chamada sociologia das finanças. Mais do que isso, esperamos que o leitor se enverede pelas inquietações sobre a necessidade dos caminhos de uma sociologia da valoração e avaliação e de uma sociologia da economia e das finanças se cruzarem e que desta aparente “encruzilhada”, sejam produzidos conhecimentos profícuos para se compreender a realidade social e o nosso Brasil contemporâneo.

### 3. Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **Les règles de l'art**. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1998.

DAVIS, G. **Managed By the Markets: How Finance Reshaped America**. Oxford University Press, 2009.

DIMMAGGIO, P. POWELL, W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. In: DIMAGGIO, Paul; POWELL, W (orgs) **The New Institutionalism in Organizational Analysis**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FLIGSTEIN, N. O mercado enquanto política: uma abordagem político-cultural às instituições de mercado. 1996. In: **A Nova Sociologia Econômica: uma antologia**, org. Rafael Marques e João Peixoto. Celta Editora, Oeiras. p. 195-229, 2003.

\_\_\_\_\_. **Shareholder Value and the transformation of the American economy, 1984 -2001**. Department of Sociology. University of California Berkeley, Ca. 94720 U.S.A. Agosto, 2004.

GODECHOT, O. Le bazar de la rationalité – Vers une sociologie des formes concrètes de raisonnement **Politix** Paris, v. 13, n. 52, p. 17-56, 2000.

JUNIOR, E. L. Um balanço da Sociologia Econômica Brasileira (2000-2010). In **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba, 2011.

KNORR-CETINA, K.; PREDA, A. **The Oxford Handbook of the Sociology of**

**Finance**. Oxford; United Kingdom, Oxford University Press, 2012.

LAMONT, M. **Toward a Comparative Sociology of Valuation and Evaluation**, Annual Review of Sociology, Vol. 38: 201-221, Agosto de 2012.

LAMONT, M.; THÉVENOT, L. **Rethinking Comparative Cultural Sociology: Repertoires of Evaluation in France and the United States**, Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press/ Paris: Maison Sci. l'Homme, 2000.

LAMONT, M; FLEMING, C; WELBURN, J. Responses to discrimination and social resilience under neo-liberalism: the case of Brazil, Israel and the United States, See **Hall & Lamont 2013**. In press, 2013.

LEBARON, F. Central bankers in the contemporary global field of power: a 'social space' approach, **Sociological Review**, v. 56, n. 1, "Remembering Elites", 2008, Abril, p.121-144.

LEITE, E. **Beyond financialization: rethinking family roles in Brazil**. In SASE 25th Annual Meeting University of Milan, June, 2013. Disponível em: <https://sase.org/fichiers/1371649618>.

MALTBY, J.; RUTTERFORD, J. Gender and Finance. In KNORR CETINA, K; PREDA, A. **Handbook the Sociology of Finance**, Oxford University Press, pp.510-528, 2012.

NEIBURG, F. *As moedas doentes*, os números públicos, e a antropologia do dinheiro. **Mana** (Rio de Janeiro), v. 13, p. 45-77, 2007.

SARTORE, M. S. A sociologia dos índices de sustentabilidade. **Tempo Social** (USP. Impresso), v. 24, p. 169-187, 2012.

SIMMEL, G. **The Philosophy of money**. Edited by David Frisby. Trad. Tom Bottomore e David Frisby. New York: Routledge, 1990.

ZELIZER, V. **Economic Lives: How Culture Shapes the Economy**. Princeton University Press, 2013.

ZUCKERMAN, E. W. The categorical imperative: securities analysts and the illegitimacy discount, **Am. J. Sociol**; n. 104, pp. 1398–438, 1999.